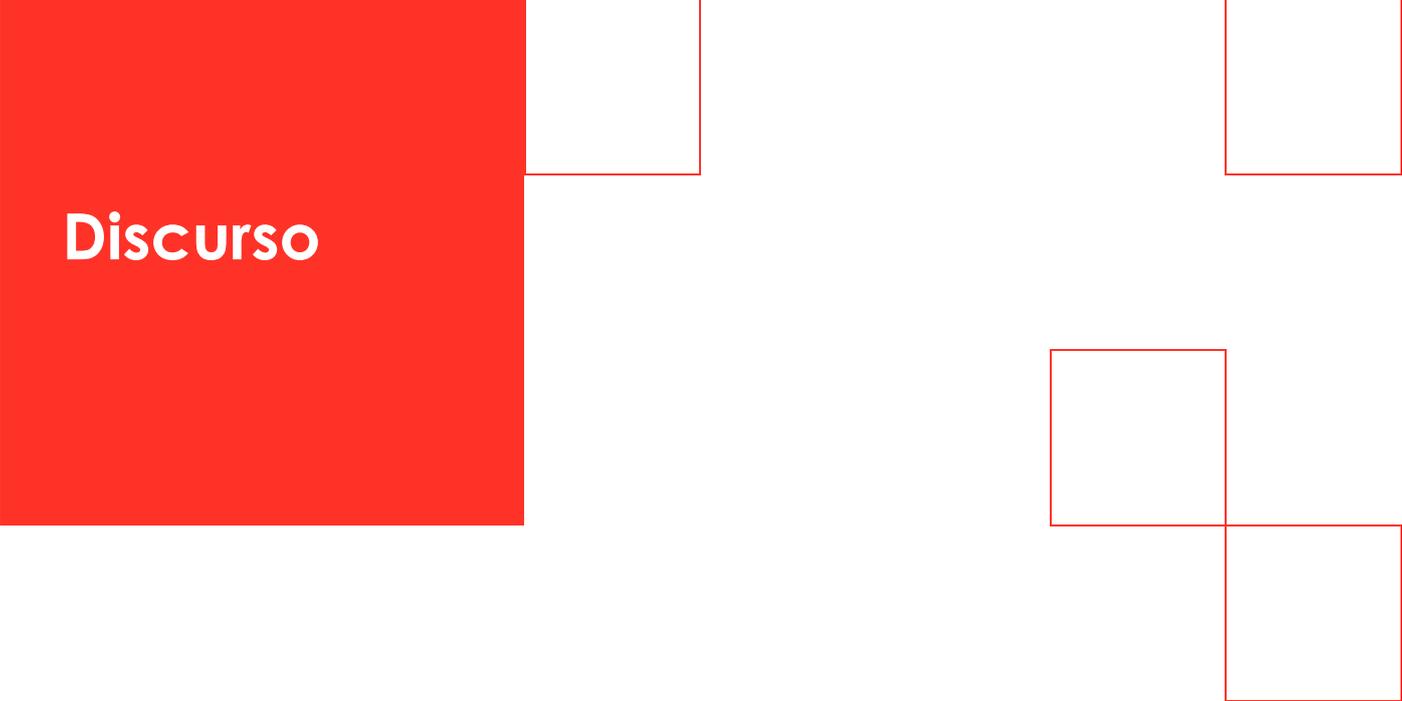




**Universidade  
Europeia**

# **Cerimónia de atribuição do título de Doutor Honoris Causa**

**07 de abril de 2022**



# Discurso

Em primeiro lugar, cumpre-me agradecer a honra que a Universidade Europeia, através da sua Reitora Professora Doutora Hélia Gonçalves Pereira, me concede: o Doutoramento Honoris Causa.

E cumpre-me também agradecer aos colegas e amigos, Miguel Guimarães e José Germano de Sousa, a sua participação ativa neste Doutoramento, mas sobretudo, sem esquecer o que a amizade os pode ter influenciado, naquilo que disseram.

Aquilo que acabamos por ser é, fundamentalmente, o resultado de “Três Grandes Pilares”: a Genética, a Educação e, a nossa própria determinação, a Vontade. Para além destes, temos ainda o fator Sorte que apenas se aplica aos dois primeiros: a genética e a educação.

O primeiro pilar é a Genética, o ADN que recebemos dos nossos pais e sobre o qual não temos qualquer influência, pode fornecer-nos um bom ou mau ponto de partida, mas apenas isso.....!

Aí, tive muita sorte. Tive um trisavô, Soares Franco, que fundou, há 200 anos, a Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa, editou um livro de Anatomia, um Tratado de Agricultura e, ainda, um livro de Filosofia e outro de Poesia.

Tive um avô que fundou o Instituto Português de Oncologia e promoveu a formação da Liga Portuguesa Contra o Cancro, por acreditar que o Estado nunca faria tudo o que seria necessário e era importante envolver a sociedade civil. Para ele, no hospital, o doente era rei e entendia que os direitos não podem sobrepor-se aos deveres.

Tive um pai que foi o mais completo atleta português de todos os tempos, olímpico em duas modalidades diferentes e vencedor do Campeonato do Mundo de Espingarda, na posição de pé, em 1928, o único ano em que não houve competições de Tiro nos Jogos Olímpicos.

Mas, se isso não bastasse, meu pai, na Guerra 1914/18, como patriota e sendo já Campeão de Tiro, ofereceu-se como médico voluntário para o batalhão de assalto do Corpo Expedicionário Português que iria ser enviado para a frente de batalha.

Ele era também de uma inextinguível dedicação aos doentes. Médico cirurgião, inventou a pinça que permitiu a Egas Moniz concretizar a primeira Arteriografia Cerebral. Dele, dizia o próprio Egas Moniz, era um "grande médico, meu inolvidável companheiro de trabalhos, a que o seu nome também está ligado. Mas era, acima de tudo, um dos melhores homens que tenho conhecido. Ninguém o excedia em bondade, a maior de todas as qualidades: poucos o igualavam em simpatia e dedicação. Sabia ser amigo e ninguém nunca o teve como inimigo".

O segundo pilar é a Educação, na qual já participamos, que nos é transmitida pelos nossos pais e através do ambiente em que passamos a viver, mas que só parcialmente poderemos alterar.

Aqui, também tive sorte, pois embora tendo perdido o meu pai quando tinha apenas três meses, tive uma mãe excepcional na fidelidade e respeito ao seu marido falecido e na dedicação sem limites aos seus três filhos.

Minha mãe deu-me uma formação católica, baseada em princípios de solidariedade humana, seguramente essenciais, e transmitindo-me também os clássicos princípios olímpicos de respeito, amizade e excelência. Olimpismo que, como filosofia de vida, combina de forma equilibrada as qualidades do corpo e do espírito, pretendendo promover uma Sociedade de Paz, solidária e preocupada em preservar a dignidade humana.

Fui educado a ter ideais, a lutar por aquilo que sinceramente acredito estar certo, embora com a humildade de reconhecer que não sou infalível e que também me posso enganar. Fui educado a agir com independência, a ser perseverante, a dar sempre o meu melhor, acreditando que a verdade é essencial e recusando o ser apenas "politicamente correto". Nos problemas mais complexos, procuro ouvir, mas a decisão final e a responsabilidade são sempre minhas. Só a colaboração aberta entre gerações, os mais novos com a sua dinâmica e os mais velhos pela sua experiência, nos poderão garantir um futuro melhor.

Considero essencial, não só estudar e conhecer os problemas, como também procurar novas e eventuais alternativas. A maneira mais fácil para não progredir é estar satisfeito com aquilo que já se faz e, por isso, importa procurar sempre se não existirão outras soluções melhores. Tudo princípios que tenho procurado cumprir e partilhar, acreditando que, mesmo que nem sempre tenha conseguido ou ganho, a luta terá certamente valido a pena.

Minha mãe, que desejava ter sido médica, não o foi pelos condicionalismos da época. Porém, falecido o meu pai, inesperadamente por acidente, lançou-se ao trabalho, mostrando invulgar capacidade e determinação. Mas, para mim, o mais importante, para além do seu extraordinário exemplo, foi, sem dúvida, o ter-me transmitido o fabuloso e ímpar exemplo de meu pai, um ser humano fora de série e que sempre foi quem procurei seguir.

Tive também a sorte de poder contar com a colaboração de uma mulher excepcional, que aguentou estoicamente a puberdade nos nossos oito filhos e que, pelos seus inquestionáveis dotes artísticos, muito valorizou os trabalhos que apresentei e as conferências que fiz por todo o mundo.

O terceiro pilar é a Vontade, a nossa própria determinação e opções.

Quanto às opções, sempre acreditei, e aliás ainda defendo, que se uma Ordem dos Médicos existe para defender os doentes, não pode deixar também de defender os médicos e de lutar para que tenham adequadas condições de trabalho e compensação.

Sem profissionais bem tratados, estimulados, com carreiras e com segurança, não poderá haver boa medicina.

As grandes lutas da minha vida profissional, para além de, acima de tudo, procurar ser útil aos doentes e tendo até efetuado intervenções inéditas, foi, sem dúvida, o fazer renascer a Ordem dos Médicos, considerada erradamente, por revolucionários irresponsáveis, uma redundância, e também procurar conseguir ter no país um adequado sistema nacional de Saúde.

Continuo a defender um modelo diferente do atual Serviço Nacional de Saúde, um sistema universal, sim, mas conjugando equilibradamente a ação dos serviços do Estado, da área social e da área privada, assegurando o inalienável direito à liberdade de escolha, quer dos médicos, quer das instituições.

É uma realidade que a medicina privada atual tem o inconveniente de ser apenas acessível a quem possua maior capacidade económica e que a medicina de Estado, com profissionais com remunerações independentes da quantidade e qualidade do trabalho produzido, também não serve. Por isso, sugerimos uma tentativa de conciliação entre esses dois extremos: uma medicina convencionada, na qual se paga quando se está saudável e de acordo com a sua capacidade, para ter direitos quando se está doente e fragilizado. Um sistema que tenha como base uma informação eficaz, uma prevenção segura e uma correcta relação humana médico/doente, já que uma boa qualidade técnica não chega. Desejo um sistema de Saúde justo, realista e compatível com a capacidade do país.

Não existindo nenhum sistema perfeito ou infalível, para nós o melhor é, sem dúvida, o referido sistema convencionado, que procura associar os méritos dos outros dois e eliminar os respetivos inconvenientes.

É tempo dos políticos compreenderem que a Saúde ultrapassa as opções partidárias, de esquerda ou de direita, e que terão de se concentrar em encontrar o melhor modelo de sistema, adequado na sua transversalidade, conscientes de que são exigidos consensos e planeamentos a médio e a longo prazo, não podendo alterar-se a cada mudança de Governo. Assim, é indispensável a coragem e a vontade política para mudar mesmo!

A finalizar: o Doutoramento!

É evidente que não é a mim que compete avaliar o merecimento desta honra, cujo valor não deixa de representar o valor que se reconhece à entidade que por ele se responsabiliza.

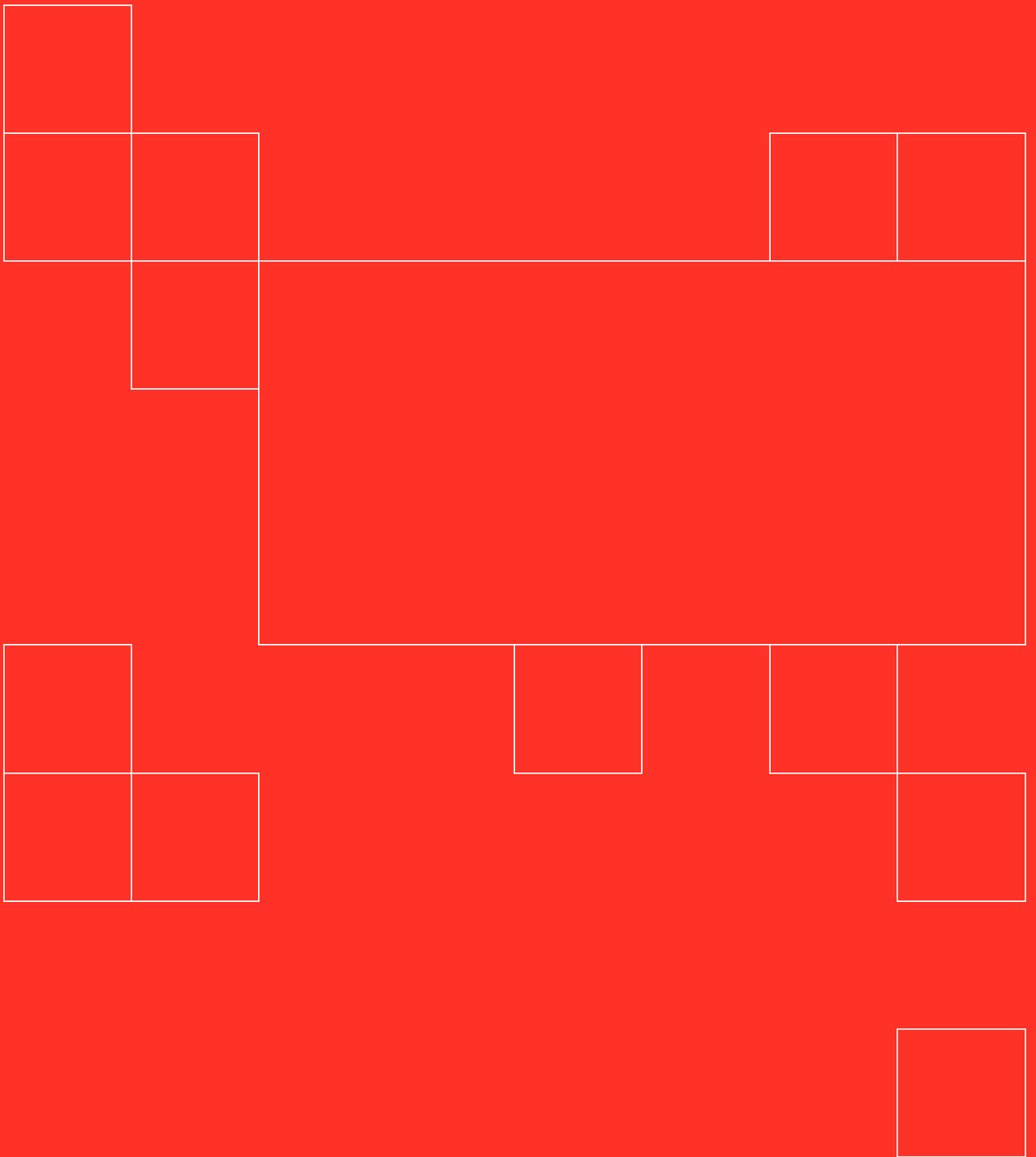
Neste caso, uma universidade jovem, de momento apenas ibérica, mas virada para o futuro, com um modelo académico inovador, assente numa metodologia de ensino de base experimental, procurando aproveitar integralmente o valor das novas tecnologias e onde as práticas de simulação são ferramenta privilegiada.

Curiosamente, em 1969, já lá vão 53 anos, em Madrid, no Congresso da fundação da Sociedade Internacional de Oncologia Pediátrica, apresentei um trabalho inovador e controverso, embora agora universal: a "poliquimioterapia" dos nefroblastomas. Isto na época em que dominava a Escola Francesa da Radioterapia.

Uma revista americana solicitou-me autorização para publicar o trabalho, o que recusei, argumentando que seria a base para a minha Tese de Doutoramento, o que acabei por nunca concretizar, dado ter optado por outras prioridades e o tempo não ser elástico: os doentes, os hospitais, a faculdade, a Ordem dos Médicos e a família.

Agora, contudo, e como que por milagre, nunca tendo feito o Doutoramento “clássico”, tenho agora o privilégio de ver concretizar-se esse sonho perdido: o Doutoramento, que me é concedido pela Universidade Europeia. Apenas me resta agradecer e, sobretudo, não desmerecer.

António Gentil Martins



**Universidade  
Europeia**